

O comunismo no imaginário social: o caso Félix Araújo (1945-1947)¹

Faustino Teatino Cavalcante Neto

O processo político que caminhava em meio ao término da II Guerra Mundial possibilitou a abertura política dos anos quarenta, quando o Brasil passou a viver o fim do Estado Novo, iniciado em 1937, e o começo de uma experiência com base na democracia, cujas eleições presidenciais foram marcadas para 02 de dezembro de 1945². Em meio a esse processo de “redemocratização”³, as forças da esquerda brasileira, rigorosamente perseguidas durante o Estado Novo, começaram a se reestruturar em torno do Partido Comunista do Brasil (PCB), completando, assim, o cenário político brasileiro na luta pelo poder.

1 Este texto é parte do terceiro capítulo de minha dissertação de Mestrado, intitulada “O PCB paraibano no imaginário social: o caso Félix Araújo na fase da ‘redemocratização’ (1945-1953)”, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Sociedade da Universidade Estadual da Paraíba, sob orientação do Prof. Dr. Josemir Camilo de Melo, em 06 set. 2006.

2 Depois de realizadas essas eleições e promulgada a Constituição brasileira, foram marcados os pleitos para governadores e deputados estaduais (19/01/1947) e para prefeitos e vereadores (12/10/1947).

3 Ao longo do texto, providenciamos aspear a palavra redemocratização por entendermos que as ações políticas que se seguiram a esse fato não podem ser compreendidas como sendo sinônimo de democracia, no sentido literal do termo.

Na Paraíba, assim como no resto do país, essa “redemocratização” envolveu parte dos estudantes nos movimentos contrários à ditadura varguista com aspirações às ditas liberdades democráticas então em evidência, passo que a levou, em seguida, para as fileiras do ressurgido PCB paraibano⁴. Desse modo, na Paraíba, os processos eleitorais advindos ensejaram o acirrado embate de forças pela manutenção do poder por parte do governo e de sua conquista por parte de seus oponentes comunistas⁵. Em meio a tais campanhas, observamos que os militantes comunistas fundaram células do partido pela Paraíba afora, realizaram comícios em vários municípios e ainda puderam contar com *O Jornal do Povo* (1946-1947) para divulgar suas visões de mundo e suas aspirações políticas. No outro polo, o poder institucionalizado, na figura do Estado, espetacularizou, através das instituições que lhes serviam (imprensa e escola), juntamente com a Igreja Católica, uma ferrenha propaganda anticomunista. Esse processo contribuiu para a constituição de um imaginário sobre o comunismo e sobre os comunistas.

4 Em 30/05/1945, dois dias após a “redemocratização”, os militantes do PCB instalaram em João Pessoa a sede do Comitê Estadual do partido. Em 03/09/1945, a direção do PCB estadual deu entrada no TSE no processo de registro provisório do partido, transformando-se na Resolução N.º 285 de 27/10/1945. Dias depois, a Direção Nacional do PCB deu entrada a um novo processo no TSE, solicitando o registro definitivo, já contando com 13 mil filiados, o que foi atendido pela Resolução N.º 324 de 10/11/1945.

5 Para a primeira eleição, o PCB nacional lançou a chapa composta por Yedo Fiúza como candidato à presidência da República, Luiz Carlos Prestes e o paraibano João Santa Cruz a Senadores, e Félix Araújo, pela sua meteórica notoriedade no meio comunista paraibano, como candidato a Deputado Federal à Constituinte de 1946; como saldo final, nenhum foi eleito. Já no pleito para governador e deputados estaduais (19/01/1947), a sigla estadual decidiu disputar com chapa própria, em que concorreu José Wandregisero Dias, ao governo estadual, e outros vinte e sete nomes, a deputados estaduais, entre os principais, João Santa Cruz de Oliveira e Félix Araújo, sendo que apenas o primeiro foi eleito.

Pensar essa propaganda anticomunista, ou mesmo a forma como foi elaborada, projetada e recepcionada pela sociedade paraibana, remete por vez ao conceito de representação. Nesse sentido, é interessante pensá-lo a partir de Chartier, que observa que o principal objetivo da História Cultural é identificar o “[...] modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (1990, p. 16-17). Assim sendo, as representações são sempre elaboradas pelos interesses do grupo que as trama, por isso é sempre importante relacionar os discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. Segundo Chartier, “[...] representação é um instrumento de conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente, através de sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é” (1990, p. 20).

Nesse sentido, observamos que os comunistas paraibanos foram representados pelas instituições citadas (Igreja Católica, imprensa e escola) como violentos, traidores, covardes, suicidas, estupradores; como a personificação do mal, o demônio, com todos os seus atributos, e o mais grave: atingia a moral cristã, admitindo o divórcio, o amor livre e o aborto, o que era entendido como um incitamento à dissolução da instituição familiar; enfim, como o “perigo vermelho”⁶. Estabeleceu-se, então, uma relação entre as representações impostas por aqueles que tiveram o poder de classificar e de nomear e a definição, submetida ou resistente, que a sociedade paraibana produziu sobre o comunismo.

Como resultado, percebemos que desses pleitos eleitorais o PCB paraibano obteve um reduzido êxito dos então candidatos locais. Em meio a tais resultados, chamou-nos a atenção o caso

6 “Cor da revolução, o vermelho permitia aos anticomunistas associarem seus inimigos à imagem da violência e do sangue”. Cf. Motta, 2002, p. 91.

do líder estudantil comunista Félix Araújo⁷, uma das maiores expressões do partido e então pretendente a deputado federal (1945)⁸ e estadual (1947)⁹, em cuja terra natal (Cabaceiras) não obteve nenhum voto na primeira eleição e apenas dois na segunda¹⁰. Tal fato tem quer ser entendido dentro de um panorama onde se culminavam diversos fatores que dificultaram a inserção da campanha em favor do PCB, entre os quais, o isolacionismo com que era marcada aquela região, que, inclusive, não tinha estradas de ferro; a predominância de chefes políticos alinhados ao poder estatal (PSD) que há muito já haviam se configurado no poder; e a forte campanha anticomunista desenvolvida pelo situacionista PSD, pela escola e, em maior grau,

7 Félix Araújo (22/12/1922) era natural de Cabaceiras-PB, município situado no Cariri paraibano, a 180 km de João Pessoa e 50 km de Campina Grande. Saiu de sua terra aos 11 anos para fazer seus estudos ginasiais em Campina Grande (1933-1940), onde se destacou pela sua capacidade de poeta, orador e jornalista; retornou para Cabaceiras, onde viveu três anos (1940-1943) e, mesmo de lá, fez amizades com militantes comunistas da capital estadual. Essa influência se faz notar em sua produção literária desse período; deslocou-se para lá em 1943, com o objetivo de continuar seus estudos e trabalhar no jornal *A União*, experiência que o aproximou ainda mais de seus amigos comunistas; da capital, retornou, nesse mesmo ano, para Campina, a fim de ingressar no Exército brasileiro; no ano seguinte, apresentou-se como voluntário à FEB e foi para a Itália, onde teve contato com o Partido Comunista Italiano; quando regressou, em 1945, estabeleceu-se em Campina e incorporou-se ativamente à vida cultural e política da cidade, que também já vivia o calor da "redemocratização", onde participou dos comícios contra o Estado Novo e logo se filiou ao PCB paraibano.

8 Nesse pleito, obteve o total de 786 votos, sendo que 727 foram em Campina Grande, 39, em João Pessoa, e 20, noutros poucos municípios do Estado.

9 Já neste pleito ele obteve o total de 1516 votos, sendo que 885 foram em Campina Grande, 406, em João Pessoa, e 225, noutros municípios do Estado.

10 Em Cabaceiras, Félix Araújo obteve dois votos, "(...) um dos quais assegurado pelo Sr. Nezinho Farias, pai do advogado campinense Leidson Farias, e por isso incriminado pelo delegado Sargento Jesus. A questão teria sido resolvida, mediante a interferência do prefeito Juca Gaudêncio, de São João do Cariri, e parente de Nezinho" (MELLO, 2003, p. 208).

pela Igreja Católica que, juntos, projetavam certa interpretação do passado e daquele presente, consolidado-a e integrando-a à memória dos grupos sociais envolvidos. Essa curiosa observação, quanto aos resultados eleitorais de Félix Araújo, levou-nos a levantar a seguinte questão: qual imaginário foi produzido e circulado sobre Félix e sobre o comunismo, tomando como estudo de caso a sociedade cabaceirense?

Para Le Goff (1980), a noção de imaginário¹¹ mantém interfaces com a de representação e, em algumas situações, os dois campos se invadem reciprocamente, embora devam ser distinguidos. Nessa tarefa, Barros (2004, p. 91) observa que "a História do Imaginário estuda, principalmente, as imagens produzidas por uma sociedade, mas não apenas as imagens visuais, como também as imagens verbais e, em última instância, as imagens mentais". Considera, ainda, "(...) o imaginário como um sistema ou universo complexo e interativo que abrange a produção e a circulação de imagens visuais, mentais e verbais, incorporando sistemas simbólicos diversificados e atuando na construção de representações diversas" (p. 93). Para Pesavento,

o imaginário é representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o verdadeiro e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer (1995, p. 21).

Assim, o historiador do imaginário se interessa em decifrar os modos de articulação e profusão dessas imagens socialmente produzidas e em seus usos. Esse interesse se faz alcançado quando

11 A elaboração do conceito de Imaginário deve muito ao filósofo Castoriadis (1982) e aos historiadores Duby (1982) e Le Goff (1980).

o historiador trabalha os elementos do imaginário (as imagens, os símbolos, os mitos, as visões de mundo) "(...) não como um fim em si mesmo, mas como elementos para a compreensão da vida social, econômica, política, cultural e religiosa" (BARROS, 2004, p. 99).

Barros (2004) também destaca que um determinado imaginário social pode ser produzido por necessidades ou por motivações políticas, ou seja, um sistema político pode produzir um imaginário sobre si ou sobre o outro que lhe seja mais apropriado, como bem fica claro com o nosso objeto de análise, a saber, o Estado paraibano e a sua produção de sentidos sobre o comunismo¹².

Esse sistema de representações pode ser apreendido, entre outros meios, por uma análise mais direta da escrita e da oralidade. Nesse particular, consideramos as entrevistas temáticas que realizamos com moradores octogenários do município de Cabaceiras, como a principal fonte para a realização desta pesquisa, procurando, sempre que possível, cruzá-las com outras fontes para que nos fornecessem as informações históricas sobre a memória da "redemocratização". Desse modo, observaremos, com base na memória dispersa na sociedade cabaceirense, quais relações entre história e memória foram estabelecidas ali no que concerne ao imaginário sobre Félix Araújo e sobre o comunismo.

De acordo com Montenegro (Apud FLORES e BEHAR, 2008), cabe a todo historiador que for trabalhar com pessoas que transformaram suas memórias em relatos orais ter o

¹² Sobre isso, ver: KANTOROWICZ, Ernst. Os dois corpos do Rei (2000); APOSTOLIDÈS, Jean-Marie. O Rei máquina: espetáculo e política no tempo de Luís XIV (1993); BURKE, Peter. A fabricação do Rei: A construção da imagem pública de Luiz XIV (1994).

conhecimento teórico acerca do debate sobre a memória¹³, procurando sempre entender que a "memória não é registro, memória é construção, é elaboração". Portanto, é papel do historiador procurar situar historicamente onde e a partir de que condições determinada memória foi elaborada. Essas considerações têm por base a formulação teórica do sociólogo Halbwachs (1990), de que a memória envolve uma relação entre a repetição e a rememoração ou, ainda, de que a memória depende do poder social do grupo que a detém. Isso porque, na rememoração, os grupos sociais envolvidos não lembram as imagens do passado como elas aconteceram, mas de acordo com as forças sociais que estão agindo sobre eles. Daí a ideia de que a memória é seletiva. Sobre essa relação entre história e memória, é interessante observar que

a valorização de uma história das representações, do imaginário social e da compreensão dos usos políticos do passado pelo presente promoveu uma reavaliação das relações entre história e memória e permitiu aos historiadores repensar as relações entre passado e presente e definir para a história do tempo presente o estudo dos usos do passado (FERREIRA, 2002, p. 08).

Pierre Nora, historiador francês, que propôs uma nova história das políticas de memória, aprofunda ainda mais a distinção entre história e memória, observando que

a história busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado. A memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente (NORA, Apud FERREIRA, 2002).

¹³ Entre os importantes estudos sobre o tema da memória, cabe destacar: Henri Bergson (1990), Maurice Halbwachs (1990), Le Goff (1992), Pierre Nora (1993) e Dosse (2000).

o historiador trabalha os elementos do imaginário (as imagens, os símbolos, os mitos, as visões de mundo) "(...) não como um fim em si mesmo, mas como elementos para a compreensão da vida social, econômica, política, cultural e religiosa" (BARROS, 2004, p. 99).

Barros (2004) também destaca que um determinado imaginário social pode ser produzido por necessidades ou por motivações políticas, ou seja, um sistema político pode produzir um imaginário sobre si ou sobre o outro que lhe seja mais apropriado, como bem fica claro com o nosso objeto de análise, a saber, o Estado paraibano e a sua produção de sentidos sobre o comunismo¹².

Esse sistema de representações pode ser apreendido, entre outros meios, por uma análise mais direta da escrita e da oralidade. Nesse particular, consideramos as entrevistas temáticas que realizamos com moradores octogenários do município de Cabaceiras, como a principal fonte para a realização desta pesquisa, procurando, sempre que possível, cruzá-las com outras fontes para que nos fornecessem as informações históricas sobre a memória da "redemocratização". Desse modo, observaremos, com base na memória dispersa na sociedade cabaceirense, quais relações entre história e memória foram estabelecidas ali no que concerne ao imaginário sobre Félix Araújo e sobre o comunismo.

De acordo com Montenegro (Apud FLORES e BEHAR, 2008), cabe a todo historiador que for trabalhar com pessoas que transformaram suas memórias em relatos orais ter o

¹² Sobre isso, ver: KANTOROWICZ, Ernst. Os dois corpos do Rei (2000); APOSTOLIDÈS, Jean-Marie. O Rei máquina: espetáculo e política no tempo de Luís XIV (1993); BURKE, Peter. A fabricação do Rei: A construção da imagem pública de Luiz XIV (1994).

conhecimento teórico acerca do debate sobre a memória¹³, procurando sempre entender que a "memória não é registro, memória é construção, é elaboração". Portanto, é papel do historiador procurar situar historicamente onde e a partir de que condições determinada memória foi elaborada. Essas considerações têm por base a formulação teórica do sociólogo Halbwachs (1990), de que a memória envolve uma relação entre a repetição e a rememoração ou, ainda, de que a memória depende do poder social do grupo que a detém. Isso porque, na rememoração, os grupos sociais envolvidos não lembram as imagens do passado como elas aconteceram, mas de acordo com as forças sociais que estão agindo sobre eles. Daí a ideia de que a memória é seletiva. Sobre essa relação entre história e memória, é interessante observar que

a valorização de uma história das representações, do imaginário social e da compreensão dos usos políticos do passado pelo presente promoveu uma reavaliação das relações entre história e memória e permitiu aos historiadores repensar as relações entre passado e presente e definir para a história do tempo presente o estudo dos usos do passado (FERREIRA, 2002, p. 08).

Pierre Nora, historiador francês, que propôs uma nova história das políticas de memória, aprofunda ainda mais a distinção entre história e memória, observando que

a história busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado. A memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente (NORA, Apud FERREIRA, 2002).

¹³ Entre os importantes estudos sobre o tema da memória, cabe destacar: Henri Bergson (1990), Maurice Halbwachs (1990), Le Goff (1992), Pierre Nora (1993) e Dosse (2000).

Essa perspectiva, que explora as relações entre história e memória, possibilitou a aceitação dos relatos orais como fonte histórica, uma vez que reconhece que "(...) a subjetividade, as distorções dos depoimentos e a falta de veracidade a eles imputada podem ser encaradas de uma nova maneira, não como uma desqualificação, mas como uma fonte adicional para a pesquisa" (IBIDEM).

A memória cabaceirense sobre Félix e sobre o comunismo

Quando nos deparamos com a nossa amostra de entrevistados no município de Cabaceiras, que foram contemporâneos tanto a Félix Araújo quanto à articulação e à profusão do imaginário acerca do comunismo, verificamos que a maioria manteve laços de parentesco ou de amizade com o militante, por ser uma cidade pequena, onde, quase sempre, a base familiar era resumida. Tal averiguação levou-nos a perceber a grande preocupação dos depoentes no sentido de reforçar a construção de um discurso que procurava heroicizar Félix, representado como um mártir que teve trágico fim¹⁴. Portanto,

14 Apesar de sua forte militância pecebista em Campina Grande, em meio às campanhas eleitorais de 1945 e 1947, depois que o PCB foi levado à ilegalidade (1947), Félix começou a se envolver com o partido da situação (PSD), chegando a ser o seu grande articulador político nas eleições para prefeito e vereadores de 1947 naquela cidade. Por esse partido, foi eleito o vereador mais votado em 1951, que, como resultado de suas divergências políticas com o então prefeito pessedista, Plínio Lemos, foi assassinado em 1953. Observamos que, após sua morte, a cultura histórica campinense tendeu, fortemente, a silenciar o seu momento no PCB e a elaborar um discurso que o situa apenas como um militante de direita (PSD), "um mártir da causa democrática", liberando-o de qualquer aproximação ideológica possível com o PCB paraibano da "redemocratização". Nesse sentido, vários "lugares de memória" (NORA, 1993) foram elaborados em Campina Grande: um busto; seu nome foi posto em uma praça, em uma rua, na Casa Legislativa, na Biblioteca Pública, na *Casa do Estudante, em duas escolas*; várias comemorações (aniversários da morte); e uns dez

coube-nos saber abstrair dos testemunhos as representações e atribuir um papel central às relações entre história e memória, buscando realizar uma discussão mais apurada dos usos políticos do passado, quando a subjetividade e as deformações do relato oral não foram vistas como elementos negativos.

No geral, quando perguntamos aos nossos entrevistados o que se lembravam da militância pecebista de Félix Araújo, durante as campanhas de 1945 e 1947, a deputado federal e estadual, respectivamente, obtivemos como resposta uma grande preocupação no sentido de livrá-lo ao máximo dessa "culpa", de isentá-lo de ser comunista. Tal propósito sugere que a memória daqueles depoentes sobre o comunismo é associada a algo apocalíptico. Não podemos esquecer, como bem adverte Halbwachs (1990), que o narrador, ao relatar sua memória, também opera com a seletividade. Em função de uma série de imposições, ele faz recortes, silêncios e produz sentidos de modo a construir um discurso que atenda a interesses do presente. Sua parenta, Ana de Sousa Farias (73 anos), que, na mocidade, foi tecedeira de redes e, mais tarde, professora do Estado, disse:

Olhe, diziam isso..., que chegou sendo comunista, mais que ele não acabou ninguém aqui pra ser comunista. Então o povo falava porque ele vinha da guerra com muito conhecimento, vinha com aquela bondade todinha, aí diziam que ele era comunista, mais agente não pode aprovar isso e eu muito menos que não faço isso.¹⁵

trabalhos biográfico-históricos que naturalizam essa memória. A cidade de Cabaceiras afirma a ideia de que Félix Araújo ("político, poeta, tribuno, secretário de governo, ensaísta, crítico literário, escriturário, livreiro, radialista, jornalista e conferencista") é um dos seus filhos ilustres.
15 Entrevista concedida ao autor em Cabaceiras, 22 abr. 2005.

Verificamos, através desse relato, que a entrevistada ressignifica o seu passado histórico a partir de questões que o presente lhe impõe. Nesse sentido, nota-se que ela se deixa levar pela afinidade de parentesco e pela consagração daquela cidade a Félix, aproximando-o mais a imagem de um homem inteligente e bom e, portanto, resistindo em associá-lo diretamente ao comunismo. Em relação à pergunta sobre se aquela sociedade era contra ou não ao fato de ele ser comunista, ela respondeu:

Ninguém combinava essa história de comunista, porque pra gente, naquela época pior ainda, né? Comunista era uma coisa muito contra aqui a nossa lei católica, né? Ai aqui, graças a Deus, todo mundo era católico e tudo, o povo dizia que não devia, né? (...) Diziam que ele era comunista, tava trabalhando pelo comunismo, mais aqui em Cabaceiras, acho que é porque era a terra dele, ele respeitava, por causa que o povo todo aqui era da religião católica, era contra o comunismo, né?

Através desse relato de memória, percebe-se a carga estigmática com que a palavra "comunismo" passou a ser representada no calor da "redemocratização" naquela sociedade. Essa carga foi impressa, principalmente, pela Igreja Católica local, que desempenhou fundamental papel em sua aberta propaganda anticomunista. Essa campanha por parte da Igreja pode ser confirmada com o cruzamento da fala da depoente com o discurso impresso no *Jornal A União*¹⁶, onde encontramos a proclamação assinada pelo Arcebispo Dom Moisés Coelho¹⁷, que sentenciou: "(...) os candidatos até essa data apresentados para a presidência da República são ambos dignos do sufrágio eleitoral

16 *Jornal estatal paraibano* editado na capital. Fundado em 1893, no governo do presidente da Província Álvaro Machado, servia, inicialmente, como órgão do Partido Republicano do Estado.

17 Nasceu em Cajazeiras, no dia 08 de abril de 1877, e se ordenou em 1º de novembro de 1901. Com o falecimento de Dom Adauto, em 15 de agosto de 1935, passou a ser o segundo arcebispo da Paraíba, permanecendo como tal até o seu falecimento em 1959. Cf. Trindade, 2004, p. 73.

dos católicos" (*Jornal A União*, 24 abr. 1945). Isso significava que a Igreja Católica fazia restrição à candidatura presidencial pecebista. Na mesma edição, o padre Antônio Fragoso publicou o artigo intitulado "Católico e Comunista", de maniqueia distinção entre os dois campos, que teve como fonte o papa Pio XII. Identificamos, ainda, que essa campanha, via imprensa escrita, continuou até a realização do pleito, a perceber pelo artigo "A Igreja e o atual momento político brasileiro – Orientação aos católicos":

Em qualquer dos dois principais candidatos podem os católicos votar. Quanto aos candidatos da representação federal falará a LEC. Há, porém, doutrinas político-sociais que devem ser repudiadas pelos católicos, impugnadas e combatidas pelos legítimos brasileiros, porque contém na sua dialética, princípios contra a Igreja, contra a Pátria e contra a família. (...) Todos os partidos, exceto o comunismo, estão aprovados, (...) quem combater o materialismo pode estar certo de que estar defendendo a fé católica, as tradições nacionais, os direitos e os interesses da Igreja e do Brasil (*Jornal A União*, 18 nov. 1945).

Percebemos, então, que a Igreja Católica agiu durante toda a campanha de 1945 com sua propaganda anticomunista sobre o eleitorado do Estado, sobretudo com os fiéis do interior, onde os vigários aproveitavam os sermões para representar aos fiéis católicos imagens nada promissoras sobre os partidários do marxismo-leninismo. Sobre a ação da Igreja naquelas campanhas em Cabaceiras, os relatos que seguem são emblemáticos: "(...) os padres não gostavam (...). Os padres eram revoltados por causa do comunismo. Aqui mesmo, na Igreja daqui, o padre pregava contra, num aceitava"¹⁸; "A Igreja era contrária. A Igreja era contra, toda vida foi"¹⁹.

18 Maria de Lourdes Gaudêncio Nóbrega (88 anos), professora aposentada. Entrevista concedida ao autor em 23 abr. 2005.

19 Amélia Aires de Queiroz Cavalcante (76 anos), funcionária pública aposentada. Entrevista concedida ao autor em 23 abr. 2005.

Por meio do cruzamento das fontes, situamos, historicamente, onde e a partir de que condições a memória da depoente (Ana de Sousa Farias) sobre o comunismo foi elaborada. Em seu relato, ela termina por dizer que Félix era comunista, contudo não "acabalava" ninguém naquela cidade para ser, que essa sua prática era mais fora dali e que, por respeitar a sua terra, não trouxe aquele "mal" para Cabaceiras. Portanto, era uma pessoa boa. Fica evidente que o comunismo e os comunistas são representados e, portanto, associados a algo muito prejudicial e contagioso, ligado à ideia de sofrimento, pecado e morte.

A professora aposentada, Maria de Lourdes Gaudêncio Nóbrega (88 anos), quando foi interrogada sobre se Félix havia pedido voto ali naqueles pleitos, reporta-se a esse papel da Igreja Católica na tarefa de exterminar o comunismo, conforme segue:

Ele deve ter vindo né? Mais acontece que nessas cidades pequenas, ninguém nunca né? Assim, num dava apoio ao partido comunista, porque a religião católica prevalecia em todos os recantos do Brasil, né? Mais... o povo... ninguém..., geralmente naquela época ninguém tinha o comunismo como coisa muito boa, né? Todo mundo tinha muita cisma, né? Do Partido Comunista, do comunismo, né? (...) Os padres não gostavam, né? Os padres eram revoltados por causa do comunismo. (...) os padres pregavam contra, num aceitavam, naquela época o povo não queria aceitar o comunismo. Atribuía a uma falta de respeito, sabe? Moral e também, como é que diz assim, direito, propriedade... essas coisas... né?

Interessante perceber o quanto foi intensa a campanha da Igreja Católica contra o comunismo naquele município do Cariri paraibano, que nem mesmo chegou a ter célula do partido. Essa campanha, possivelmente, também pode ser explicada, em parte, pelo fato de a Igreja local ter percebido a possível presença comunista já em seus limites paroquiais, na pessoa do conterrâneo Félix Araújo, ao mesmo tempo em que temia que esse foco "maléfico" adquirisse proporções maiores naquela sociedade.

Quando perguntamos à agente de saúde Maria de Lourdes Gomes Correia (80 anos), que teve infância vivida na casa de Félix, o que ela se lembrava dos espaços de sociabilidades onde se aprendiam os ensinamentos sobre o comunismo, ela relatou:

Era tipo assim, a gente pegava na escola, na rua, porque essa palavra comunismo era o bicho papão, agente num procurava nem saber por que se procurasse saber já tava fazendo parte. Como eu tô dizendo, num era nem pra gente participar da casa de madrinha Tila (mãe de Félix), que nós fumo criados tudo junto, como eu já lhe disse... né? Mais com essa palavra comunista aí num queria que agente fizesse parte lá, de nada... (...) Era o povo de fora que agente convivía, assim também na escola... né?

O testemunho nos faz observar que, além da Igreja Católica, a escola também desempenhou o papel de propagar o anticomunismo naquela sociedade. Sobre essa ação da escola, é interessante destacar que, já em outubro de 1937, antes mesmo do golpe do Estado Novo, o Secretário do Interior, Argemiro Figueiredo, designou que fossem instaladas, em diversos municípios paraibanos, as "Comissões de Propaganda Systemática contra o Comunismo" (Jornal *A União*, 24 out. 1937). A que se compôs em Cabaceiras teve como responsável, além do promotor local, Manuel Nunes, a professora Sebastiana Coutinho. Essa informação corrobora o depoimento acima, que destaca o papel da escola local como outra instituição que serviu para autenticar o discurso do governo sobre o comunismo e, portanto, elaborar uma determinada memória sobre ele.

A funcionária pública aposentada, Amélia Aires de Queiroz Cavalcante (76 anos), passou quase toda a entrevista firme ao discurso heroicizante construído sobre Félix. Entretanto, quando indagamos sobre a aproximação dele com o PCB, ela, na tentativa de manter firme o "herói", disse: "(...) depois que ele deixou o

comunismo, o povo gostava dele.”²⁰ Pela afirmação, podemos constatar que houve ali, no período em estudo, certa rejeição ao militante comunista. De certo é que todos os entrevistados, quando foram questionados a respeito de Félix e de sua militância comunista, sempre estiveram prontos a falar sobre ele, no sentido de louvá-lo, heroicizá-lo, esquivando-se em fazer tal associação. Essa constatação evidencia que a memória daquela população sobre o comunismo não está correlacionada ao bem comum da sociedade.

Apesar de constatar que nossos entrevistados estavam preocupados em consagrar Félix como um vulto histórico, foi possível perceber que alguns deles deixaram escapar, em seus relatos orais, quer pelo silêncio quer pelas poucas palavras, determinados aspectos que a história oficial, através dos diversos órgãos e agentes produtores do passado, não se preocupou em registrar. Dosse (2000) considera que, muitas vezes, o silêncio não corresponde, necessariamente, ao esquecimento e chama a atenção para que essa deva ser a preocupação daqueles que trabalham com memórias.

Eles têm por tarefa apreender os limites flutuantes entre os possíveis do dito e do não-dito e facilitar, assim, o trabalho de luto dos indivíduos. As memórias coletivas como as memórias individuais estão sujeitas a múltiplas contradições, tensões e reconstruções. É assim que o silêncio sobre si – diferente do esquecimento – pode ser condição necessária para a comunicação (DOSSE, 2000, p. 294).

Severina Silvina de Barros (88 anos), que foi professora em Cabaceiras entre os anos de 1946 e 1980, manteve, durante todo o seu depoimento, uma nítida preocupação em não falar o que se lembrava a respeito do Félix comunista. Sua reação foi como

²⁰ Entrevista concedida ao autor em Cabaceiras, 23 abr. 2005.

se ele houvesse cometido um grande crime e se manteve firme a expressão de que “em boca fechada não entra mosquito”. Quando foi provocada a falar sobre o que os cabaceirenses achavam do fato de Félix ter sido comunista e o que se lembrava da ação dele naquelas campanhas eleitorais, ela desconcertou-se em sua resposta e procurou isentar-se de fazer a associação Félix = comunismo. Contudo, seus cortes de fala e seus silêncios são emblemáticos:

Não eu..., muitas vezes eu..., às vezes eu vi..., muitas vezes..., num gostavam do governo dele não, assim, podia haver às escondidas..., ta entendendo? (...) Num sei..., num sei... Porque às vezes as pessoas num gostam de uma coisa sem conhecer... Na realidade às vezes num acontece? “Num gosto de você, fulano disse que era assim”. Mais eu pelo menos nada digo a respeito da vida dele, num posso informar nada. Mais tem gente, já ouvi gente dizer: “Não..., Num precisa votar não que ele num é capaz...” Essas coisas, mais eu num dizia (...). Comentava assim, que ele era comunista, num sei o que... Num queria votar com ele. Isso aí eu ouvi muitas pessoas dizer, dentro daqui de Cabaceiras, agora eu num disse nada, porque eu nem sabia.²¹

Não encontramos indícios de que Félix tenha feito campanha para aquelas eleições em sua terra natal. No entanto, conseguimos identificar dois telegramas publicados no jornal *A União*, que foram enviados pelos prefeitos de Campina Grande e Cabaceiras, respectivamente, ao então interventor estadual, Rui Carneiro, que relatam a campanha do situacionista PSD naquele município, conforme segue:

Grande Comício do PSD em Cabaceiras
Entusiasmo da população pela candidatura do general Eurico Dutra
– Telegrama do prefeito (campinense) Severino Gomes Procópio ao Interventor Ruy Carneiro
O Chefe do governo recebeu o seguinte telegrama:

²¹ Entrevista concedida ao autor em Cabaceiras, 23 abr. 2005.

CABACEIRAS, 7 – No comício realizado ontem aqui o povo cabaceirense aplaudiu entusiasticamente os oradores campinenses que tomaram parte na grande reunião popular. Os nomes do Presidente Getúlio Vargas, do General Eurico Dutra e do Interventor Ruy Carneiro foram exaltados com justiça pelo Dr. Hortensio Ribeiro, Lopes de Andrade, Carlos de Araújo Lima, Luiz Gomes e Luiz Gil. Reina grande animação no seio da população, que afluí para alistar-se em nosso Partido. Cordiais saudações. – Severino Procópio (Jornal *A União*, 08 ago. 1945).

A Candidatura do General Dutra em Cabaceiras
CABACEIRAS, 9 – Comunico a v. excia. que acabo de visitar o distrito de Potira, promovendo um comício, instalando um bureau eleitoral e sub-diretório do Partido Social Democrático. Foram meus companheiros os esforçados correligionários prof. Eliomar Barreto Rocha, Maria do Carmo Araújo Lima, Esmeraldino Gomes Henrique, que falaram sobre a personalidade do general Eurico Gaspar Dutra. Foram ovacionados o nome de v. excia. e do candidato a suprema magistratura do País. Saudações - JOSÉ NUNES NETO prefeito (Jornal *A União*, 11 ago. 1945).

Sobre a campanha do PSD, em Cabaceiras, também encontramos a matéria de primeira página, intitulada “CAMPINA GRANDE E CABACEIRAS CONSAGRAM OBRA DE GOVERNO DO INTERVENTOR RUY CARNEIRO”, que relata que, em 20 de agosto, o então interventor realizou grande comício em Campina Grande, de onde liderou os correligionários em excursão até Cabaceiras, propagando o repúdio ao “comunismo ateu, totalitário, antipatriótico e antifamiliar” (Jornal *A União*, 22 ago. 1945)²². Assim sendo, as fontes indicam a possibilidade de terem ocorrido, naquele segundo semestre, naquela sociedade, uma sistemática

²² Ainda sobre a campanha do PSD no município de Cabaceiras identificamos mais um telegrama que fala de outro comício realizado na Vila de Lêdo (atual cidade de Boa Vista), conforme segue: “COMÍCIO DO PSD EM CABACEIRAS. Comunicação recebida pelo interventor Ruy Carneiro. Cabaceiras, 24. – Comunicação ao prezado amigo realizou-se na Vila de Lêdo grande comício prol-candidatura Dutra promovido pelo jornalista patricio Bentes Pampolha que discorreu sobre nosso candidato e personalidade presidente Getúlio Vargas e Interventor Ruy Carneiro. Grande multidão vivou nomes presidente Getúlio Vargas, General Eurico Dutra e Governo paraibano. Sds. José Nunes Neto, prefeito” (Jornal *A União*, 25 set. 1945).

propaganda contra a candidatura de Félix que, como resultado, não obteve ali nenhum voto para deputado federal.

A já mencionada Maria de Lourdes Gomes Correia foi uma dos poucos depoentes que deixou fluir em sua memória que a sociedade cabaceirense reprovava não, apenas, o comunismo, mas também a Félix. Todavia, do mesmo modo de Ana de Sousa Farias, ela se preocupou em atribuir que ele era comunista por culpa de “amigos” campinenses, como mostra o fragmento abaixo:

Coisa ruim, porque na época o comunismo era a coisa pior desse mundo... né? Aí agente não era muito ligado a essas coisas não, agente vivia muito lá, conversava muito com ele, nós fumo criado junto, pudemo dizer, mais o povo falava, ele foi pra Campina estudar, aí quando vinha, o povo falava que ele era comunista e tal, que até fazia questão da gente não fazer parte lá da casa de madrinha Tila, que era a mãe dele, porque ele era comunista, porque o comunista naquela época era o maior bicho... né? (...) O povo falava que ele era comunista, mais sim porque ele era aliado com pessoas de Campina. Sim que agente sabia, na época existia essa palavra comunismo, no qual ele fazia parte, mais ele nunca se manifestou pra procurar saber, essa manifestação dele era mais em Campina, mais aqui..., agora o povo de fora era que censurava da gente fazer parte lá, mais agente nunca ouviu coisa a mais, que ele falasse, essas coisas de guerras... Hoje não, ninguém fala nem que existe isso, mais era o maior bicho naquela época, o comunismo.²³

Das várias observações no depoimento descrito, damos destaque à que chama a atenção para o conceito espectral que abrangia a palavra “comunismo” naqueles anos. O comunismo era identificado à imagem do “mal”, era considerado como a “coisa pior desse mundo”, como bem destaca Motta (2002, p. 191):

A ação dos comunistas traria formas de sofrimento como fome, miséria, tortura e escravização; a nova organização social por eles proposta implicaria em pecado, pois questionava a moral cristã tradicional defendendo o divórcio, o amor livre e o aborto; e a morte estaria sempre acompanhando o rastro dos bolcheviques, a quem se acusava de assassinar

²³ Entrevista concedida ao autor em Cabaceiras, 20 abr. 2005.

em massa seus oponentes e de provocar guerras sangrentas. A maioria das representações envolvia temas que denotam as características maléficas atribuídas aos comunistas, que eram responsabilizados pela ocorrência de uma gama variada de males. Eles trouxeram à tona temores arcaicos, foram associados à imagem da peste, por exemplo, mas também despertaram aflições do mundo moderno, como a inflação, uma vez que eram acusados de quererem provocá-la visando a desestabilização da ordem econômica. No limite, chegou-se a operar a associação comunismo = demônio, na medida em que a revolução foi vituperada como encarnação do "mal absoluto". Se os comunistas eram responsáveis por um cortejo tão grande de desgraças, não seria difícil associar sua atuação aos desígnios do "príncipe das trevas", que segundo o imaginário cristão era a fonte suprema de todo mal.

Esse conjunto de representações foi manifestado na Paraíba e fazia com que qualquer um que se aventurasse a ser militante marxista sofresse uma série terrível de preconceitos, tornando-o um indivíduo isolado da sociedade. O município de Cabaceiras não foi estranho a esse quadro constituído sobre o comunismo, pois, conforme vimos no último depoimento, aquela sociedade fez restrições e passou a ver com maus olhos não só Félix Araújo mas também quem frequentasse a residência da sua genitora, principalmente nas ocasiões de sua estada ali. Ainda sobre o fato de Félix ter sido pecebista, Maria de Lourdes Gaudêncio Nóbrega também comentou: "(...) ele passou... passou a ser mal visto, a família dele era... por causa de ser comunista, sabe?"²⁴ Havia, portanto, retaliações sociais por parte da população em se relacionar com Félix e, até mesmo, com sua família.

O medo cabaceirense do comunismo

Em nossa pesquisa, constatamos que, durante as campanhas eleitorais da "redemocratização" (1945-1947), foram várias as

²⁴ Entrevista concedida ao autor em Cabaceiras, 21 abr. 2005.

matérias publicadas na imprensa paraibana (jornais *A União* e *A Imprensa*), bem como as opiniões emitidas pela Igreja Católica, pela escola e pelo poder político então estabelecido (PSD), cujo teor central era o de que aquela sociedade se encontrava correndo o risco de ser desgovernada politicamente, caso o PCB lograsse êxitos eleitorais. Assim sendo, vários foram os discursos que tematizaram o sentimento do medo²⁵ e que, por extensão, influíram no comportamento da sociedade que os consumia.

Nesse sentido, constatamos, por meio dos relatos orais dos nossos entrevistados cabaceirenses que, por aquele período, esse medo passou a ser associado ao cotidiano de suas vidas, uma vez que tais discursos procuravam produzir efeitos de verdade quando tematizavam o comunismo como ateu, antipatriótico e antifamiliar. Destacamos, ainda, que esse medo do comunismo foi elaborado de forma tão expressiva naquela sociedade que, no presente, ainda é forte sua tendência a se omitir a falar sobre o tema, como se estivesse a cometer o maior dos pecados ou crimes. Exemplo disso é o de Antônia Macedo Pombo (87 anos), dona de casa que, em 1945, em razão do seu casamento, transferiu-se da zona rural para a cidade. Quando foi provocada a relatar o que se lembrava do que se proferia sobre comunismo naquelas campanhas, desconversou por duas vezes, e, por fim, afirmou:

Bom, alguém apoiava... nera? E alguém não gostava, porque o povo tinha um medo do comunismo, né? O povo tem muito medo do comunismo, porque é um partido que não é religioso. (...) Eu não, eu sou assim como é que se diz? Eu sou assim, que num dô valô a essas coisas, não presto bem atenção, porque eu não sei falar sobre comunismo. Por sinal eu sou católica, religiosa, mais não sei, sou muito por dentro dessas coisas

²⁵ Sobre o medo, como objeto para a História, ver: LEFEBVRE, Georges. O grande medo de 1789: Os camponeses e a Revolução Francesa (1979); e DELUMEAU, Jean. O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente - Séculos XIII-XVIII (2003).

não, vou a Igreja e tudo, não tenho ideia dessas coisas. (...) Naquele tempo o povo num gostava de comunismo. Ah! Fulano é comunista e o comunismo é uma, como é que se diz?... Uma religião muito, muito dura, num sei o que (...).²⁶

Em dois momentos de sua narrativa, a entrevistada deixa escapar que “alguém apoiava” e que “fulano é comunista”, possivelmente se referindo a Félix. Quanto às imagens sobre o comunismo, fez poucas referências, associando-as ao medo e à distância que o comunismo mantinha com a religião católica, ao mesmo tempo em que fez questão de deixar claro que era religiosa e, portanto, não sabia falar sobre o comunismo e que não dava “valô e não tinha ideia dessas coisas”. A também dona de casa, Maria do Carmo Sousa (73 anos), que residia na zona rural de Cabaceiras e que, há quinze anos, instalou residência na sede urbana, expressou:

Eu num entendo nada, para mim tanto faz como tanto fez, porque o comunismo hoje nós já vive direto (...). O que é que ta faltando? Já ta o comunismo geral no mundo de meu Deus! Ta uma coisa tão misturada que agente não sabe o que é comunismo e o que deixa de ser (...). Eu sei que é uma coisa que não me da prejuízo, eu digo ta bom, não é mesmo? O povo tem essa cisma, o comunismo agente vive, é uns matando uns os outros, fio mata pai, pai mata filho, mulher deixa marido, é aquela confusão da mulesta, ninguém sabe como é que ta o mundo hoje não, só ‘aquele’ que vai resolver (...). Se Deus quiser!²⁷

Observamos que, de início, ela também fez questão de esclarecer que “não entende nada” sobre o comunismo, contudo segue deixando subtendida a associação que faz de tudo quanto existe de desajuste social no “mundo de meu Deus” às suas imagens acerca do comunismo. Ou seja, sob seu ponto de vista, o

²⁶ Entrevista concedida ao autor em Cabaceiras, 22 abr. 2005.

²⁷ Entrevista concedida ao autor em Cabaceiras, 21 abr. 2005.

regime bolchevique significa o verdadeiro caos político e social, e caracteriza-o na contemporaneidade através dos crimes e do divórcio. Quanto a esse medo anticomunista, o agricultor Agnelo de Freitas Cavalcante (82 anos) esclareceu:

O povo tinha medo (risos), tinha medo (risos). As explicações era muito forte (...). Era muito forte, aí o povo criou certa cisma por causa disso. É que o cara não tinha direito a mulé, essas coisas assim (...). Essas coisas que nunca ta certo, ta entendendo? (...) Não tinha direito, vamos dizer, o caba ter direito o que é seu, qualquer um podia ter (...), ta entendendo? Comentavam isso. (...) Ia ter guerra, era guerra, era esse mal.²⁸

O depoente relata que a memória daquele povo foi tomada pelo medo da moralidade russa da qual se falava, onde os valores culturais locais correriam o risco de ser substituídos pelas práticas do amor livre, do divórcio e da dissolução da família. São perceptíveis também as referências feitas por ele às questões relacionadas à propriedade privada, que seria violada pelo saque e pela destruição; e à guerra, que traria, entre outras consequências, o estupro e o assassinio.

Esse medo foi expresso de forma específica, quando entrevistamos Severina Barros, que se mostrou, o tempo todo, preocupada em responder às perguntas feitas por nós. Notamos que omitia respostas, talvez por ter acompanhado, na condição de educadora, a trajetória do PCB, inclusive, os momentos de repressão mais evidente depois do golpe militar de 1964, que culminou com a censura total e trouxe à tona uma verdadeira onda de espionagem em torno dos comunistas e dos seus simpatizantes. Os relatos seguintes confirmam essa assertiva:

Eu não posso dizer por que não conheço, num sabe? Desde 1930 se ouvia falar em comunismo, eu era muito nova: ‘o comunismo’, ‘o comunismo’;

²⁸ Entrevista concedida ao autor em Cabaceiras, 20 abr. 2005.

mais eu nunca me aproximei pra saber a realidade mesmo, a respeito. A pessoa era como escravo, num tinha direito a nada, como as explicações assim eu ouvia dizer, não que eu pedisse, o povo falava, que era uma coisa que não dava direito a nada, a pessoa virava um verdadeiro escravo, de fato o que eu ouvi dizer foi isso.²⁹

Por mais que tenhamos tentado deixar fluir uma conversa de forma espontânea, a entrevista mais pareceu um interrogatório feito por um dos órgãos do governo aos suspeitos de subversão por serem considerados comunistas. Quando foi indagada sobre o que havia guardado na memória a respeito dos comunistas da "redemocratização", ela fez questão de afirmar, repetidas vezes, que nada sabia, e no momento em que deixava escapar alguma informação, fazia questão de dizer que nunca procurou se informar a respeito. O fato de sermos desconhecidos para a depoente e para os representantes de uma instituição, talvez tenha provocado tal reação nela, o que nos fez observar o quanto foi e é presente o medo, por parte de alguns membros daquela sociedade, quando o tema discutido é o comunismo.

Por fim, destacamos que a nossa intenção, neste estudo, foi a de mostrar como na Paraíba, especificamente em Cabaceiras, o Estado, através das instituições que lhes serviam (imprensa e escola), juntamente com a Igreja Católica, foi responsável pela produção e circulação de representações a propósito do comunismo e do militante Félix Araújo, produzindo, assim, um respectivo imaginário em torno de ambos. O comunismo adquiriu, não diferentemente de outras partes do mundo, uma conotação espectral. Já Félix Araújo viveu dois momentos distintos de elaboração de memórias: no período em que se manteve filiado ao PCB (1945-48), foi, constantemente, associado ao comunismo

²⁹ Entrevista concedida ao autor em Cabaceiras, 23 abr. 2005.

e, portanto, às suas imagens. Entretanto, no momento posterior à sua trágica morte (1953), verificamos uma constante tendência por parte das elites políticas campinenses em glorificá-lo e afirmá-lo no panteão dos "grandes" políticos paraibanos. Para tal, foi empregado o discurso da história oficial, que procura distanciá-lo ao máximo do período em que fez parte das fileiras pecebistas. Essa constatação do distanciamento que é feito de Félix em relação ao comunismo nos faz perceber o quanto foi e ainda é forte a imagem que se tem sobre essa sigla política e que tal atitude serve para reafirmar, na memória coletiva, o espectro que ainda representa o comunismo.

REFERÊNCIAS:

- APOSTOLIDÈS, Jean-Marie. **O Rei Máquina**: espetáculo e política no tempo de Luís XIV. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: EDUNB, 1993.
- BARROS, José D'Assunção. **O campo da História**. Especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1990.
- BURKE, Peter. **A fabricação de Luís XIV**. A construção da imagem pública de Luiz XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo**: A culpabilização no Ocidente (Séculos XIII-XVIII). Bauru: EDUSC, 2003.

DUBY, Georges. **As três ordens ou imaginário do Feudalismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

DOSSE, François. **A História**. Tradução de Maria Elena Ortiz Assumpção. EDUSC, 2000.

FERREIRA, Marieta Morais. "História, tempo presente e história oral". IN: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, Vol. 5, Nº. 10, 2002.

FLORES, Elio Chaves e BEHAR, Regina Maria Rodrigues. "Memórias, percursos e reflexões: Com Antônio Torres Montenegro". In: **Saeculum Revista de História**. Nº 18, janeiro/junho 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KANTOROWICZ, Ernst. **Os dois corpos do Rei**. Um estudo sobre Teologia Medieval. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

_____. **O imaginário medieval**. Portugal: Editorial Estampa, 1980.

LEFEBVRE, Georges. **O grande medo de 1789: Os camponeses e a Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

MELLO, José Octávio de Arruda. **Nos tempos de Félix Araújo: Estado novo, guerra mundial e redemocratização (1937-1947)**. João Pessoa: SEC-PB/IPHAEP, 2003.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: A cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o "Perigo Vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. "A intentona comunista ou a construção de uma legenda negra". In: **Tempo**. Revista do Departamento de História da UFF, volume 7, n 13. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2002, p. 189-209.

NORA, Pierre. "Entre a memória e a História: a problemática dos lugares". IN: **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História**. PUC/SP: dezembro, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jathay. "Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário". IN: **Revista Brasileira de História**. V. 15, n.º 29. São Paulo: 1995.

Jornais

Jornal *A União*, 24 out. 1937.

Jornal *A União*, 24 abr. 1945.

Jornal *A União*, 08 ago. 1945.

Jornal *A União*, 11 ago. 1945.

Jornal *A União*, 22 ago. 1945.

Jornal *A União*, 25 set. 1945.

Jornal *A União*, 18 nov. 1945.

Entrevistas

BARROS, Severina Silvina de. Professora aposentada: 88 anos. Cabaceiras, 23 abr. 2005.

CAVALCANTE, Agnelo de Freitas. Agricultor aposentado: 82 anos. Cabaceiras, 20 abr. 2005.

CAVALCANTE, Amélia Aires de Queiroz. Funcionária pública aposentada: 76 anos. Cabaceiras, 23 abr. 2005.

CORREIA, Maria de Lourdes Gomes. Agente de saúde aposentada: 80 anos. Cabaceiras, 20 abr. 2005.

FARIAS, Ana de Sousa. Dona de casa aposentada: 73 anos.
Cabaceiras, 22 abr. 2005.

POMBO, Antônia Macedo. Dona de casa aposentada: 87 anos.
Cabaceiras, 22 abr. 2005.

SOUSA, Maria do Carmo. Dona de casa aposentada: 73 anos.
Cabaceiras, 21 abr. 2005.

NÓBREGA, Maria de Lourdes Gaudêncio. Professora aposentada:
88 anos. Cabaceiras, 21 abr. 2005.